

MITO COMO MORAL: REFLEXÕES EM ELIADE E ANTÍGONA.

Deivid Oliveira Silva²⁰

Déborah Milena Bispo Silva²¹

Resumo: A narrativa sagrada acerca de uma realidade totalizante, como uma cosmogonia ou parte dela, que fora estabelecida por Entes Sobrenaturais, é o que o historiador Mircea Eliade denominará como mito, ele pode ser associado tanto em narrativas fundacionais quanto para justificar a realização de ritos ou origem de alguns costumes. O presente trabalho terá como objetivo discorrer acerca do conceito de mito nas sociedades arcaicas e como ele influencia no comportamento moral destas. Tendo em vista os conceitos de mito, rito e da contraposição entre o sagrado e o profano nos textos de Eliade, em especial na obra *Mito e Realidade*, o artigo também se utilizará da obra de Sófocles, *Antígona*, para expor a forte oposição entre as leis dos homens e as leis dos deuses. Ao revisitar os mitos notamos que eles expressam profundamente como a imaginação e a linguagem ajudam a construir o paradigma moral pelo qual civilizações inteiras são guiadas. Portanto, Eliade e os demais citados de forma acurada, mostra como o mito pode modelar uma sociedade em diversos aspectos, ele é um retorno ao sagrado que quando acessado torna-se uma lembrança dos tempos primordiais.

Palavras-chave: Mito; Moral; Religião; Rito; Lei.

Abstract: The sacred story about a totalizing reality, such as a cosmogony or part of it, which had been established by supernatural entities, is what the historian Mircea Eliade will call myth. It can be associated with both foundational stories and justification of some rites or origin of cultural rules. This paper aims to discourse on what myth concept is in archaic societies and on how it influences their moral behavior. Considering that concepts like myth, rite and the opposition between sacred and unholy in the texts of Eliade, notably work like *Myth and Reality*, we also base this paper on Sophocles' play *Antigone* in order to show the contrast men/law of the gods. By reviewing some myths we remark that they express the imaginary and the language that help to build a moral paradigm from which whole civilizations were and still are guided. Therefore, Eliade and others precisely mentioned make

²⁰ Deivid Oliveira Silva é estudante do 6º período do curso de Ciências da Religião na Universidade Federal de Sergipe. E-mail: dvdvhs@academico.ufs.br.

²¹ Déborah Milena Bispo Silva é estudante do 4º período de Vernáculas na Universidade Federal de Sergipe. E-mail: deborahbispo@academico.ufs.br.

clear how a myth can model a society in many aspects. It is a return to the sacred which, once accessed, turn into a remembrance of early times.

Keywords: Myth; Moral ; Religion; Rite; Law.

Introdução

A história da humanidade é permeada por narrativas que contam como o universo e tudo o que há foram criados por Entes Sobrenaturais, além de explicar o funcionamento do mundo, a natureza de sua espiritualidade e o escopo moral pelo qual civilizações inteiras foram e são guiadas. Compreender o fenômeno religioso nas mais diversas manifestações sociais, auxilia a vislumbrar os modos de ser da existência humana e como ela está intimamente ligada ao que Eliade entenderia como “mito vivo”ⁿ. É por meio da narrativa mitológica que é possível conhecer como uma realidade total ou fragmentada foi constituída através dos poderes de seres sobrenaturais. Quando nos remetemos ao *mito cosmogônico*, ou seja, aquele que cuida de explicar como o Mundo surgiu, pensamos nas forças que organizaram o universo tal como conhecemos com suas características, estas mesmas características ditam posteriormente como se dão os *mitos originários*, isso quer dizer que, as narrativas que dão conta do porquê, por exemplo, os ritos fúnebres são celebrados em uma sociedade como são, e porque os primeiros seres assim o fizeram:

Durante o serviço funerário, canta o xamã na-ki, dto-mba: Vamos agora acompanhar o morto conhecer novamente a amargura. Vamos dançar outra vez e afugentar os demônios. Se não se sabe de onde vem a dança. Não se deve falar a respeito. Se se ignora a origem da dança. Não se pode dançar. (ELIADE, 2019, p. 20-21)

Da mesma forma é, quando o assunto é casamento, rituais de cura, ou até mesmo o surgimento de um grupo social, ao realizar o rito faz-se necessário recitar o motivo de realizá-lo. Acerca das sociedades arcaicas, Eliade descreve que ao realizar um ritual religioso, este vinha acompanhado de uma narrativa que descrevia o motivo pelo qual o estava realizando e que quase sempre remetia aos primórdios do Mundo: “Quando o missionário e etnólogo C. Strehlow perguntava aos Arunta australianos a razão por que celebravam determinadas cerimônias, obtinha invariavelmente a mesma resposta: Porque os ancestrais assim o prescreveram.”(ELIADE, 2019, p. 12)

Repetir é reviver, os rituais religiosos são a rememoração dos tempos primordiais, é a explicação de como uma realidade passou a ser, como ela é estabelecida no tempo e marca a

cultura dos grupos sociais moldando seus costumes e sua percepção da concretude. Sófocles, retratou este cenário em sua literatura, *Antígona* ambientada no contexto onde o Rei Creonte e a protagonista que dá o nome à peça possuem perspectivas diferentes acerca das leis que devem ser obedecidas toda a narrativa transita por essa tensão temática.

Para os primeiros cristãos, a priori na cidade grega de Corinto, Saulo, agora apóstolo Paulo, revela como deve ser a celebração, instituída por Jesus, que posteriormente seria conhecido para os fiéis cristãos, e em especial de tradição protestante, como Santa Ceia. Conforme o texto de I Coríntios 11.23-30, Paulo haveria recebido do próprio Jesus, que já havia morrido, que este tendo celebrado uma janta com seus discípulos na noite em que fora traído e que após ter servido o pão, que simbolizava seu corpo e o vinho que simbolizava seu sangue, recomendou que comessem e bebessem o fazendo em memória dele, disse mais que, todas às vezes que se juntassem nessa celebração anunciariam a morte do Mestre até que este retornasse, este é um vivo exemplo de *rito fundador* como citou Eliade: “Através do rito, é possível recriar esse momento primordial, repetindo o ato cosmogônico ou outro ato fundador realizado pelos deuses no começo do tempo.” (ELIADE, 2001, p. 80). Estabelecendo no tempo e transcendendo em eras a realização deste ritual que é uma evocação de momentos sagrados e fundadores.

Mito em Eliade

Nascido em Bucareste, 1907, Mircea Eliade foi um grande historiador das religiões tendo entre suas obras uma das mais icônicas para a Ciências da Religião, *Mito e Realidade* (1963), onde é possível compreender o desenrolar da história humana sob o aspecto da religião que aponta um norte conferindo-lhe sentido.

Ao mesmo tempo, em que conta a história de um povo, o mito conta uma história sagrada de natureza sobrenatural e que influencia profundamente a cultura. Assim, povos inteiros basearam suas leis e costumes nos exemplos deixados pelos deuses que podemos chamar de atividades fundadoras, de acordo com Eliade, o “*mito tal como é vivido pelas sociedades arcaicas (...) é considerada absolutamente verdadeira (porque se refere a realidades) e Sagrada porque é a (obra de Entes Sobrenaturais)*”. É dessa forma que a ciência desses acontecimentos faz com que o ser humano obtenha a claridade de sentido acerca dos rituais e do modo de se portar consigo mesmo e com os demais em sociedade. De

acordo com Silvia T. Maurer Lane a linguagem enquanto instrumento de exposição da experiência prática da sociedade é de extrema importância para formação cultural:

(...) a linguagem exerce a mediação entre nós e o mundo, enquanto ela permite a elaboração de representações sociais. Ou seja, é através delas que descrevemos, explicamos e acreditamos na nossa realidade e o fazemos conforme o nosso grupo social e de nossa classe como produtores históricos de nossa sociedade, e também cabendo a nós – agentes de nossa história pessoal e social – decidir se mantemos ou transformamos a nossa sociedade. (LANE, 1981, p. 36-37)

Os mitos contam Histórias das ações dos Entes Sobrenaturais, reais no imaginário religioso e como o imaginário religioso é algo real, logo as Histórias e os Entes também o são.

De acordo com Calvani:

A palavra imaginário reporta a um conjunto de imagens. Contudo, na teoria do imaginário não indica apenas imagens pictóricas ou formas visuais, mas também símbolos carregados de significados adensados culturalmente, além de conceitos imediatamente atrelados a determinadas palavras ou imagens. (CALVANI, 2022, p. 179)

A humanidade, pela força da espiritualidade, sempre tentou responder as questões sobre sua origem e os poderes da natureza que a cercam, seja um raio cortando o céu ou um terremoto, a imaginação ou as possibilidades de comunicação desenharam as primeiras tentativas de expor as impressões do que se via, ouvia ou sentia acerca dos acontecimentos do mundo que se manifestam no extraordinário. É nessa comunicação acerca dos acontecimentos que nos rodeiam que as crenças podem ser geradas e enquanto são transmitidas também é naturalmente endossada, compartilhada socialmente e se transformam em cultura.

Quando a filosofia nasce em Mileto, região da Jônia grega, Tales, reconhecido como o primeiro filósofo, discorria acerca da origem do mundo e o seu princípio universal. O filósofo acreditava que este princípio seria a água, essencial à vida, presente em tudo e em constante vir-a-ser. Diante disso, sua preocupação estava em explicar o mundo para além da cosmogonia grega, com base na racionalidade, no pensamento lógico. Contudo, isto não significa que a religiosidade fora abandonada totalmente, esta era a base da cultura grega. O próprio Platão na obra *Fédon*, descreve que ao encontrar com seus companheiros, já recluso e próximo de cumprir sua sentença ingerindo a cicuta, Sócrates os lembra que deve um galo a Asclépio, e que esta dívida deveria ser paga. Asclépio é uma divindade que era tido como aquele que possui o poder de curar doenças e trazer saúde, e esta passagem simboliza uma possível relação entre a racionalidade e a religião grega. Com a gradativa superação do pensamento mitológico pelo racional, torna-se imperativo, observar que, o pensamento de encadeamento lógico, axiomático acerca da origem do mundo não substitui completamente as

abstrações de natureza religiosa, afinal de contas, a cultura grega é extremamente influenciada por ela, e assim continuou. Há em partes, uma tentativa de dessacralização quanto alguns aspectos da cultura grega, ao menos no que diz respeito sobre a explicação da origem de todas as coisas, mas isso não anulava a influência religiosa da época.

Quando avançamos nas teorias acerca do princípio originário de todas as coisas nos deparamos ainda com outro exemplo de abstração que exige um aprofundamento maior no imaginário que é o conceito de *apéiron*. Anaximandro, autor dessa teoria, fala de uma substância indeterminada que ordena todas as outras, e que é primordial da qual o mundo surge sendo também uma substância eterna. Anaximandro diria que após a morte o ser retorna ao *apéiron* dando continuidade ao ciclo, é evidente que apesar de não fazer referência alguma à qualquer divindade, o pensamento do filósofo se assemelha às noções religiosas. Se tomarmos o que Calvani (2022, p.179) aplica como conceito de imaginário, podemos aproximar, inclusive, o que o Cientista da Religião expõe e a ideia de Anaximandro com o *apérion* quando o mesmo escreve o imaginário como:

conceitos imediatos atrelados a determinadas palavras ou imagens. Imaginário deriva do substantivo ‘imaginação’, uma das mais originárias e constitutivas facetas do ser humano, resultado da revolução cognitiva operada no cérebro do homo sapiens, desde que esse assumiu uma postura bípede (...). (CALVANI, 2022, p. 179)

Antígona e A Moral dos deuses

Uma das muitas civilizações que podemos citar como exemplo de cultura envolta pelos mitos é a Grécia Antiga, na qual a cosmogonia possui elementos que tentam atender uma determinada racionalidade lógica e até transcendem a ela pela força da necessidade de uma explicação, como poderia observar Pereira:

Entretanto, a fé não se processa simplesmente por decisão consciente e espontânea do indivíduo, mas por impulsos mais profundos, vindos do inconsciente e imperceptíveis em nível da razão ou da realidade racional. Pois transcende à vontade em favor de necessidades imperiosas do sujeito, que o constroem a crer (ter fé) independentemente das consequências de tal fé. (PEREIRA, 2003, p.56)

Concebido como um dos maiores intelectuais da Grécia Antiga, Sófocles (495 a. C.– 406 a. C.) escreveu diversas peças dentre as quais está Antígona, uma narrativa que além de demonstrar a luta de uma mulher contra a força tirânica do rei Creonte, expõe a profunda influência do mito como regulador moral em uma civilização, é o puro contraste entre as leis dos deuses e a leis dos homens, e levantam questionamentos tais como se é possível sobrepor a primeira classe de leis pela segunda? Qual seria a mais importante e por quê? Antígona é uma jovem que se vê diante de um dilema familiar e de cunho profundamente político, seus

dois irmãos, Eteócles e Polinices, lutaram em lados opostos na batalha de Tebas, ao primeiro foram dadas as honras de um funeral digno daqueles que dão a vida por sua pátria, já de Polinices, foi decretado que não se deixassem prestar as devidas homenagens. Antígona considera que mesmo com o decreto do rei Creonte sobre a morte de seu irmão Polinices as ordens não podem ser levadas em consideração por suas irmãs já que vai ao encontro do que fora determinado muito antes pelos deuses, Antígona intenciona, inclusive colocar a própria vida em perigo para cumprir sua missão sagrada: “Amada repousarei com ele, com meu amado, criminosamente pura, por mais tempo deverei agradecer os lá debaixo que os cá de cima. Lá repousarei para sempre. Tu, se te parece, descure o que honram os deuses.” (SOFÓCLES, 1999, p. 11-12)

Ao guiar sua vida pelas diretrizes sagradas dos deuses, Antígona estabelece a natureza da moral que irá determinar suas ações, a qual é a moral dos deuses. A dicotomia constitucional que se observa na peça de Sófocles divide o universo em que a história acontece em sagrado e profano. A força da crença pela qual a protagonista é impulsionada faz com que nem a própria vida seja levada em conta quando não mede esforços para cumprir as ordenanças dos Entes Sobrenaturais.

Antígona Sob Uma Perspectiva Mirceliana

Para Eliade, uma das funções primordiais do mito nas primeiras sociedades, é estabelecer os parâmetros morais desta, Antígona argumenta com Creonte que suas leis não são provenientes dos deuses: “Nem eu supunha que tuas ordens tivessem o poder de superar as leis não-escritas, perene, dos deuses, visto que és mortal” (SÓFOCLES, 1999, p. 36).

Ao rememorar as ações primordiais dos Entes Sobrenaturais, Antígona não acessa as realidades originais tal como os poetas como Hesíodo faziam, é pertinente dizer que as questões por ela levantadas estão mais relacionadas à ética e à moral. Ademais, podemos ler sua atitude como uma tentativa de combater a dessacralização de sua cultura. Assim, evidenciamos na peça de Sófocles o conflito entre as leis humanas e as leis divinas, entre o decreto do rei e o que os deuses exigiam naquele contexto.

A grande questão para Creonte é o fato de Polinices ter se levantado contra Tebas, nas palavras do rei “*um homem mal-intencionado com a cidade jamais declararei amigo*” (SÓFOCLES, 1999), de onde decorre sua decisão em não cumprir os ritos fúnebres para este, o próprio rei inclusive externaliza que não acredita que os deuses não teriam interesse no

defunto: “É intolerável o que dizes, que os deuses se interessem por este morto. Acaso o tratariam como benfeitor, dando-lhe sepultura, um que veio templos colunados incendiar, profanar sacrifícios, devastar a terra deles e as leis?” (SÓFOCLES, 1999, p.25).

Creonte está amparado pela própria lei que promulgara, enquanto Antígona recorre argumentativamente à força da moral na ordenança dos Entes Sobrenaturais, e percebe-se no dever de desobedecer ao que considera ser leis injustas. Ela está ciente da força da lei que rejeita e das recompensas acerca do cumprimento das tradições religiosas nas quais se apegava, pois os ritos fúnebres não são necessariamente ritos de despedida, ou uma última homenagem, é sobretudo, um rito de passagem. O devido sepultamento de Polinices garante uma transição adequada ao mundo dos mortos. Nos ritos religiosos há manifestação do Sagrado, ele aponta para os antepassados que o fizeram e o recomendaram: “(...) a principal função do mito consiste em revelar os modelos exemplares de todos os ritos e atividades humanas significativas: tanto a alimentação ou o casamento, quanto o trabalho, a educação, a arte ou a sabedoria.” (ELIADE, 2019, p. 13). A ação de Antígona no ritual fúnebre de seu irmão manifesta a presença do sagrado de tal maneira que inclusive, o próprio rei é questionado se aquele feito não seria obra dos deuses.

Eliade afirma que o sagrado se mostra como algo que transcende à ordem profana, os atos dos deuses se revelam no cotidiano, é assim que eles se dão a conhecer aos homens ensinando-os como proceder em diversas situações, o próprio Eliade cunha um termo que dá conta deste contexto: “(*Hierofania*) Este termo é cômodo, pois não implica nenhuma precisão suplementar: exprime apenas o que está implicado no seu conteúdo etimológico, a saber, que *algo de sagrado se nos revela.*” (ELIADE, 2001, p. 17). Desta forma em Antígona, Eliade poderia exemplificar termos que lhe são caros dado a profundidade com que se detém neles, como mito, como ele se manifesta nos ritos e a distinção entre o sagrado e o profano na concretude da realidade.

Conclusão

Ao finalizar este trabalho, verificamos como o mito em Eliade aponta para a origem das coisas e torna-se um paradigma para as ações humanas, quando estabelecem-se, estes costumes se introjetam de tal modo nas sociedades que a moral é por vezes referenciada desse modo. O pensamento religioso de natureza simbólica e espiritual assume um protagonismo para Antígona frente às leis civis e em diversas ocasiões se pretende mais importante, porque

afinal de contas, na peça de Sófocles, as leis dos deuses para sua personagem principal, sobrepõe-se a dos homens.

Eliade e Sófocles demonstram como o mito dá sentido à existência, não somente explicando como todas as coisas surgiram, mas como também o mundo passou a existir e como cada um deve se portar nele. Ao celebrar um rito religioso, geralmente ele é acompanhado de uma narrativa que explica o motivo de ser realizado remetendo assim ao mito originário e ressaltando sem sombra de dúvidas a importância da linguagem no processo. Ao realizar o “enterro” de Polinices, Antígona executa o rito de passagem do irmão para o outro mundo, e mesmo sendo privada, pela urgência do momento, de todas as fases desse processo que poderia ir do velório ao sepultamento, ela ainda cobre o corpo do soldado morto em batalha honrando-o minimamente com algumas cerimônias prescritas. Antígona atende aos quesitos de uma peça que pode ser lida conceitualmente pela ótica mirceliana, aonde os mitos originários determinam o modo como as celebrações precisam ser realizadas, como as ordenanças religiosas dos deuses precisam ser observadas sobrepondo-se às leis humanas. “(...) o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmos, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição.” (ELIADE, 2019, p. 11).

Desta forma, Eliade nos auxilia a entender como os mitos religiosos podem moldar diversos aspectos de uma sociedade, é evidente como a moral dos deuses norteia o modo de ser dentro do contexto enredado por Sófocles em Antígona e a contraposição clara às leis dos homens, na ocasião, as do rei Creonte, nesse episódio aonde o corpo de Polinices fora sepultado por sua irmã. A Grécia, onde todo o conflito é ambientado constitui-se berço da Filosofia, que como apontado por Gallo, também tem sua cultura profundamente marcada pela mitologia que não compõe, necessariamente uma religião oficial: “A mitologia grega, portanto, não constituía uma religião sistematizada e institucionalizada, mas uma espécie de religiosidade aberta que se transformou ao longo do tempo, segundo as novas influências culturais recebidas.” (GALLO, 2016, p. 25).

Nesse processo, em que o grego “olha para o alto” tentando entender a origem de todas as coisas, mas agora sem buscar nos Entes Sobrenaturais as respostas, ele investiga na natureza a resolução de questões como, de onde surge a vida? Qual o elemento primordial? A busca do conhecimento pelo conhecimento impulsiona o espírito crítico, mas nada disso é capaz de suprimir totalmente o vislumbre cultural religioso desta sociedade, odes aos deuses ainda são entoados inclusive por nomes como Sócrates, de acordo com Platão na obra *O*

Banquete, que é uma comemoração onde se discorre acerca da melhor forma de se louvar a Eros, com isso o deus é lembrado também em seu papel como um dos deuses mais antigos: “e a prova é que não teve pais nem há poeta ou prosador algum que fale deles. Hesíodo, por exemplo, diz que primeiro surgiu o *Caos, a Terra de vasto seio, suporte inabalável de tudo e o Amor...*”. (PLATÃO, 2019, p.35). Apesar de esse não ser o tema principal da obra, a lembrança traz de volta à realidade a história do princípio da formação de todas as coisas por meio do imaginário através da linguagem. O mito cosmogônico, que explica como o mundo e o universo surgiram, tem como consequência, o mito originário que por sua vez mostra de que forma os costumes, hábitos, modos de viver em sociedade, foram instituídos. Quando lembramos disso, entendemos com maior clareza a natureza moral das ações defendidas por Antígona ao sepultar seu irmão, afinal de contas, ao honrar o defunto ela também honra aos deuses cumprindo os ritos religiosos, que são lembranças dos tempos primordiais.

Referências bibliográficas

- ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*. Tradução de Pola Civelli. 6. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2019.
- SÓFOCLES. *Antígona*. Tradução de Donaldo Schuller. 1. ed. Porto Alegre: Editora L&PM, 1999.
- LANE, Silvia T. Maurer. *O Que É Psicologia Social*. 10. ed. Brasília: Editora Brasiliense, 1986.
- PEREIRA, Josias. *A Fé Como Fenômeno Psicológico*. 1. ed. São Paulo: Editora Escrituras, 2003.
- ELIADE, Mircea. *O Sagrado e O Profano*. Tradução de Rogério Fernandes. 1. ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2001.
- CALVANI, Carlos Eduardo. A Realidade dos Deuses e das Deusas – Contribuições da Teoria do Imaginário Para As Ciências da Religião. *Numen: Revista de Estudos e Pesquisa da Religião*, Juiz de Fora, v. 25, n.1, p. 176-196, jan/jun. 2022.
- GALO, Sílvio Gallo. *Filosofia – Experiência do Pensamento*. 2. ed. São Paulo: Editora Scipione, 2016.
- PLATÃO. *O Banquete*. 1. ed. Lisboa: Edições 70, 2019.